



Editorial

UNIDAD DE ANÁLISIS POLÍTICO Y SEGURIDAD CORPORATIVA

ANÁLISE DE SITUAÇÃO

GLOBAL

O cessar-fogo como disfarce de “paz”: as costuras do acordo entre Washington e Teerã

REGIONAL

A remilitarização da guerra contra as drogas na América Latina

LOCAL

O que significa que Abelardo de la Espriella seja o presidente eleito da Colômbia para o período 2026-2030?



El alto al fuego en un disfraz de “paz”: las costuras del acuerdo entre Washington y Teherán

O entendimento anunciado em 14 de junho de 2026 entre os Estados Unidos e o Irã foi apresentado como o encerramento de uma guerra que, durante três meses e meio, incendiou o Oriente Médio e estrangulou o mercado energético global. Embora, nesse tipo de acordos, valha realmente a pena ler as letras miúdas, trata-se de um memorando de entendimento que estende por sessenta dias o cessar-fogo entre ambos os países e deixa o destino do programa nuclear iraniano sem resolução, à espera de uma negociação posterior. Seu primeiro gesto tangível — e o mais sensível para os mercados — é a reabertura do estreito de Ormuz, com uma assinatura formal prevista em Genebra e a mediação do Paquistão e de Omã. Chamá-lo de “paz”, em rigor, é prematuro. Trata-se, na realidade, de uma trégua transacional que compra tempo e estabiliza o preço do petróleo, mas adia a questão que deu origem à guerra (CFR, 2026; [The Hill](#), 2026).

Essa questão é uma ferida nuclear e permanece aberta. O próprio presidente dos Estados Unidos admitiu que quase todos os pontos foram acordados, exceto o único que realmente

importava — o nuclear —, e descreveu o Irã como “inflexível”; Teerã, por sua vez, afirmou que o acordo estava “a centímetros”, ao mesmo tempo em que denunciava exigências amplas. O plano norte-americano de quinze pontos, vazado em março, exigia que o Irã deixasse de utilizar milícias intermediárias na região e cessasse o financiamento e armamento de grupos aliados como o Hezbollah. Em contrapartida, o memorando contempla o desbloqueio de cerca de 24 bilhões de dólares em fundos iranianos, metade antes do início das negociações finais. Assim, a arquitetura do acordo monetiza a desescalada e organiza o aspecto logístico, mas transfere o coração do conflito (enriquecimento, mísseis balísticos e sanções) para um prazo de sessenta dias cuja superação é, no mínimo, incerta ([NBC News](#), 2026).

“Embora não faça parte do acordo, Jerusalém observa com desconfiança um texto que considera insuficiente.”

O grande ausente da mesa é Israel, e sua omissão revela a fratura estratégica mais relevante do momento. Embora não faça parte do acordo, Jerusalém observa com desconfiança um texto que considera insuficiente. Netanyahu o classificou como uma decisão de Trump e destacou que Israel mantém seus próprios interesses, especialmente diante da ameaça nuclear iraniana. A oposição foi mais dura: dirigentes como Yair Lapid e Yair Golan o descreveram como um fracasso histórico que deixa intacta a infraestrutura nuclear e canaliza bilhões para Teerã. O pano de fundo é eleitoral, mas também doutrinário, pois diante da lógica desescaladora e comercial de Washington, Israel mantém uma postura mais exigente. Netanyahu advertiu que seu “dedo permanece no gatilho” e que está pronto para retornar ao combate a qualquer momento, além de se recusar a retirar-se dos territórios conquistados no Líbano, Síria e Gaza. Um acordo dessa magnitude, nessas circunstâncias, não fecha a frente, mas a congela sobre uma aliança Estados Unidos-Israel visivelmente tensionada (PBS News, 2026).

No entanto, a ala mais inflamável é a libanesa, que opera em uma pista paralela. Após a guerra de 2024, que enfraqueceu severamente o Hezbollah e obrigou suas forças a recuar ao norte do rio Litani, o grupo xiita ficou reduzido, mas não eliminado. Assim, os Estados Unidos negociaram separadamente uma trégua e, em 16 de abril, anunciaram um cessar-fogo de dez dias entre Israel e o Líbano, com Beirute exigindo a retirada israelense e Tel Aviv insistindo no desarmamento do Hezbollah. O governo libanês de Joseph

Aoun e Nawaf Salam avançou nesse desarmamento, mas a milícia resiste; seu líder Naim Qassem advertiu que responderá aos ataques israelenses, enquanto o presidente do Parlamento condicionou a entrega das armas ao cumprimento prévio, por Israel, de suas obrigações. Um frágil cessar-fogo adicional, acordado em Washington no início de junho sem a participação do Hezbollah, mantém com dificuldade a calma. É precisamente essa ofensiva no sul do Líbano que, segundo múltiplos observadores, poderia descarrilar o entendimento mais amplo com o Irã (Al Jazeera, 2026).

O que emerge, portanto, não é uma nova ordem regional, mas uma pausa carregada de incógnitas. O “eixo da resistência” iraniano foi esvaziado — Hamas devastado em Gaza, onde o número de mortos palestinos ultrapassa 73.000, e Hezbollah encurralado —, mas a fórmula promovida por Washington parece confundir deliberadamente o fim das hostilidades com a solução do conflito. Um programa nuclear cujo conhecimento técnico permanece intacto, um Israel que preserva o veto pela força, um Hezbollah que se recusa a se subordinar e uma negociação de sessenta dias sem garantias compõem um equilíbrio que repousa mais no esgotamento das partes do que em uma convergência de interesses.

A diplomacia transacional de Trump pode exibir Ormuz reaberto e os mísseis silenciados como triunfo; mas, enquanto o essencial permanecer sem acordo, o prudente é interpretar esse marco como uma trégua de vidro, não como paz.

A remilitarização da guerra contra as drogas na América Latina

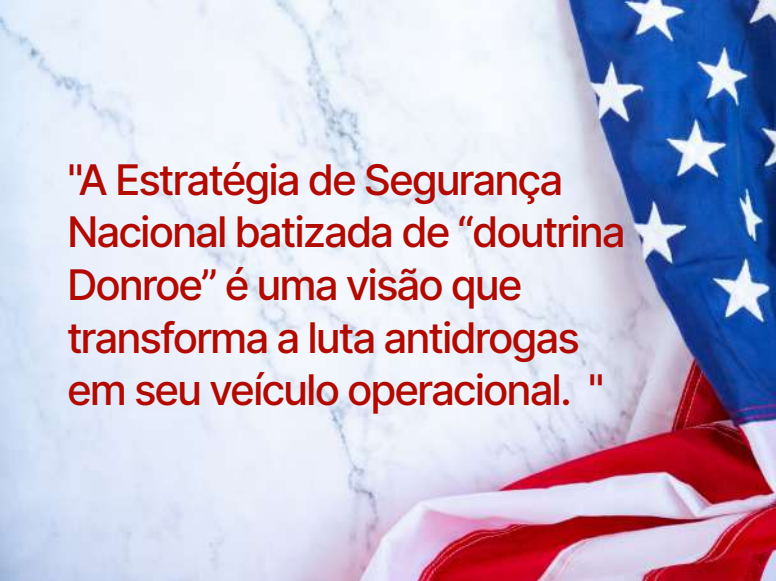
O mapa de segurança do hemisfério está sendo reorganizado sob uma premissa que a própria Casa Branca já não disfarça. A Estratégia de Segurança Nacional batizada de “doutrina Donroe” é uma visão que transforma a luta antidrogas em seu veículo operacional. A captura de Nicolás Maduro em janeiro e os mais de 200 mortos nos bombardeios a “narcolanchas” foram seus primeiros sinais; mas o verdadeiramente novo é a proliferação de operações militares conjuntas em solo soberano latino-americano. Lido a partir das categorias da interdependência complexa, o fenômeno revela-se paradoxal: a força retorna ao centro, e a interdependência se mostra menos “complexa” do que assimétrica, com Washington capaz de transformar a dependência alheia em alavanca política.

Em março de 2026, o Equador inaugurou esse modelo ao se tornar o primeiro país da região a abrigar operações conjuntas com o Comando Sul contra grupos classificados como “narcoterroristas”, após uma reunião em Quito entre Noboa e o general Francis Donovan; desde então, forças combinadas afundaram um narcosubmarino e destruíram acampamentos como o do líder “Mono Tole” em Sucumbíos. O argumento de Noboa para legitimar essas operações é que cerca de 70% da cocaína mundial transita pelos portos equatorianos, o que normaliza a cessão de autonomia em troca de inteligência, drones e designações de

Washington contra grupos como Los Lobos e Los Choneros ([Diario Libre, 2026](#); [Panorama Ecuador, 2026](#)). Contudo, a tensão soberana aflora: em novembro de 2025, os equatorianos rejeitaram em referendo a instalação de bases militares estrangeiras, exatamente o que Noboa promove.

Agora, a Venezuela expõe a versão mais crua dessa assimetria. Em 12 de junho, o Comando Sul executou um ataque letal contra Héctor Guerrero Flores, alias “Niño Guerrero” — principal líder do Tren de Aragua — no sudeste de Bolívar, dentro do Arco Mineiro do Orinoco; Caracas confirmou a morte e reconheceu o aporte de inteligência da CIA e apoio técnico especializado, no marco de sua própria ofensiva contra estruturas criminosas que controlam a mineração ilegal ([Descifrado, 2026](#)). Que o governo de Delcy Rodríguez — a quem Trump advertiu que pagaria um preço ainda maior que Maduro caso não fizesse “o correto” — colabore hoje com aqueles que derrubaram seu antecessor ilustra a coerção como o cimento desses acordos. Ainda assim, a morte de Guerrero repousa sobre evidência notavelmente frágil: o único registro é um vídeo de cerca de dez segundos — uma tomada aérea de uma estrutura com teto metálico e uma explosão, sem corpos nem pessoas visíveis —; o cadáver apareceu ao lado da residência, a identidade demorou dias para ser confirmada, e moradores asseguram que as gangues foram alertadas com três dias de antecedência e que vários chefes escaparam. O dado não está verificado e entra em choque com o resultado anunciado, mas antecipa a distância entre o espetáculo da decapitação e sua verificação ([Vanguardia, 2026](#); [Infobae, 2026](#)).

Essa operação, mais do que uma ação antidrogas, é a fase de execução de uma reestruturação do Arco Mineiro para alinhá-lo com Washington. O pano de fundo econômico é explícito: em 4 de março, o secretário do



"A Estratégia de Segurança Nacional batizada de “doutrina Donroe” é uma visão que transforma a luta antidrogas em seu veículo operacional. "

Interior, Doug Burgum, viajou a Caracas com mais de vinte empresas de mineração para se reunir com Rodríguez e Cabello; o governo Trump negocia com a Minerven a venda de até uma tonelada de ouro (cerca de 165 milhões de dólares, com a Trafigura como transportadora) e, em 1º de maio, a Corporação Venezuelana de Mineração assinou um memorando com a empresa norte-americana Heeney Capital, cujas compras garantidas estão projetadas entre 2.200 e 5.200 milhões de dólares anuais, tudo sob a égide de uma nova Lei de Minas e de um aumento anunciado de pelo menos 30% na produção de ouro até 2026. Durante anos, sindicatos criminosos distribuíram o ouro, os diamantes e o coltan por meio de acordos com autoridades e com empresas de origem chinesa e russa; o que o governo interino está eliminando hoje — o Tren de Aragua, sindicatos e guerrilha colombiana, incluindo Humberto Martes, conhecido como “Humbertico”, chefe da mineração ilegal do Quilômetro 88 — não é apenas criminalidade, mas o controle criminoso e a presença sino-russa que serão substituídos por operadores norte-americanos ([El Universo, 2026](#); [Bitácora Económica, 2026](#); [EFE, 2026](#)). Caracas está pagando com território e ouro pela legitimidade e pelo fôlego econômico de que necessita, enquanto o Arco Mineiro se transforma em um ativo geoeconômico sob tutela norte-americana.



Por sua vez, a América Central mostra como a pressão se exerce em cadeia. A Guatemala se tornou o segundo país a aceitar operações combinadas. Arévalo e o secretário Hegseth fecharam os termos em uma chamada em 19 de maio, com operações que poderiam começar em questão de semanas, embora o presidente tenha negado que se tratasse de operações conjuntas e tenha precisado que seriam ações lideradas por forças guatemaltecas, sem tropas estrangeiras. Honduras é o elo mais recente, pois em 16 de junho o chefe do Estado-Maior hondurenho confirmou que Washington e Tegucigalpa discutem “operações de combate” contra o crime organizado e que será o presidente Nasry Asfura quem decidirá quando o exército norte-americano poderá atuar, apoiando-se na antiga base de Soto Cano-Palmerola e em uma presença da DEA e da CIA que nunca desapareceu ([The New York Times, 2026](#)).

Isso poderia forçar outros países a aceitar cooperação direta e normalizar a presença militar dos Estados Unidos em toda a região, com o Hemisfério Ocidental como “prioridade número um”. A contradição é que a recomposição das gangues hondurenhas responde, em parte, às

operações do Pentágono no Caribe — o clássico efeito balão. Por fim, um reverso político expôs completamente o projeto: o “Hondurasgate”. O vazamento, no final de abril, de 37 áudios atribuídos ao entorno de Juan Orlando Hernández, ex-presidente condenado por narcotráfico nos Estados Unidos e indultado por Trump. As gravações descreveriam uma trama que alinha a direita hondurenha com o Partido Republicano, Israel e a Argentina de Milei para financiar a vitória de Asfura, restituir Hernández e custear, com dinheiro público, uma máquina de desinformação contra Petro e Sheinbaum. Um narco presidente indultado que opera como eixo regional sob a bandeira antidrogas evidencia até que ponto o combate ao narcotráfico é a fachada de um realinhamento ideológico ([La Silla Vacía, 2026](#); [Latinoamerica21, 2026](#); [El Mostrador, 2026](#)).

No entanto, o México é o contraponto que define os limites da doutrina. A neutralização de Nemesio Oseguera, “El Mencho”, em 22 de fevereiro de 2026 foi obra exclusiva das forças mexicanas, sem participação norte-americana; Claudia Sheinbaum rejeitou operações conjuntas e, junto com Colômbia e Brasil, foi excluída do “Escudo das Américas”. Mas, no caso mexicano, a morte de “El Mencho” desencadeou uma guerra de

sucessão entre “El 03”, “El Sapo” e “El Jardinero” — este último capturado pela Marinha em abril —, enquanto o CJNG continua operando em cerca de 40 países. Nesse cenário, o paralelo com o Tren de Aragua é revelador, já que uma organização que já funcionava como uma franquia descentralizada sobrevive à queda de seu rosto mais visível com maior facilidade e adaptabilidade (Caribe Peninsular, 2026). Em estruturas desse tipo, eliminar lideranças produz fragmentação e troféus midiáticos, não a derrota das redes de Crime Organizado Transnacional, que são, por definição, resilientes e adaptáveis.

Ao final, o que se constrói não é uma política antidrogas mais eficaz, mas uma arquitetura de dominação cuja moeda é a troca de soberania por segurança e proteção política. O critério de admissão é ideológico — governos de esquerda são excluídos, pressionados ou, como no caso da Venezuela, intervindos — e o prêmio real é geopolítico: conter a China,

assegurar recursos estratégicos (do petróleo venezuelano ao ouro do Orinoco) e reconstruir cadeias de suprimento hemisféricas. Isso mantém a assimetria estrutural: os Estados Unidos definem os termos e os parceiros absorvem os custos (legais, soberanos e reputacionais) de uma guerra cujo roteiro é escrito em Washington. Trata-se de um filtro que já começa a operar também nas urnas, com a apertada vitória de Abelardo de la Espriella no segundo turno de 21 de junho, respaldada por Trump e imediatamente abraçada por Washington, projetando a passagem da Colômbia do bloco excluído para o dos parceiros alinhados. Enquanto isso, os cartéis são o pretexto mobilizador; o verdadeiro projeto — e sua sustentabilidade diante de redes criminosas mutáveis, sociedades que rejeitam a tutela militar e uma China que observa — permanece a grande incógnita que as narrativas de “golpes decisivos contra o crime” ainda se recusam a responder.



Equipe de Análise

UNIDAD DE ANÁLISIS POLÍTICO Y SEGURIDAD CORPORATIVA



Andrea Mojica
Consultora Sênior



Camilo Jácome
Consultor Júnior

O que significa que Abelardo de la Espriella seja o presidente eleito da Colômbia para o período 2026-2030?

A Abelardo De La Espriella é o novo presidente da Colômbia. Em 21 de junho, Abelardo de la Espriella — advogado penalista, empresário e “outsider” do movimento Defensores de la Patria — venceu Iván Cepeda no segundo turno presidencial com cerca de 49,7% contra 48,7%: uma diferença de aproximadamente 250.000 votos, menos de um ponto percentual. O resultado, ainda em fase de pré-contagem e pendente da apuração oficial, chega contestado, pois Cepeda anunciou impugnações sobre cerca de 33.000 mesas e o presidente Petro levantou dúvidas sobre a contagem antes de afirmar que “compete aos juízes”. Com uma participação recorde de mais de 26 milhões de eleitores (cerca de 63% do eleitorado), o país ficou praticamente dividido ao meio e encerra o ciclo do petrismo na Casa

de Nariño. De la Espriella tomará posse em 7 de agosto com um mandato curto em margem de votos, mas ambicioso em programa: antecipou a assinatura de cerca de 90 decretos no primeiro dia. A questão, portanto, não é apenas o que fará, mas com que margem real poderá fazê-lo (Acento, 2026).

Na esfera econômica, o programa é de oferta e desregulação: redução e simplificação tributária para empresas, diminuição drástica do tamanho do Estado (fusão de dezenove para dez ministérios, corte de pessoal, eliminação de agências), cumprimento rigoroso da regra fiscal e uma meta de crescimento tão alta quanto improvável, de até 7% ao ano.

LOCAL

O sinal ao investimento é deliberado, com menos burocracia, modernização da DIAN com Inteligência Artificial, créditos habitacionais subsidiados e uma fórmula vicepresidencial que aporta credibilidade técnica diante de mercados que já haviam reagido positivamente à ascensão do candidato com um “trade eleitoral”. Contudo, o contexto é adverso: déficit fiscal elevado, desaceleração e dúvidas sérias sobre o financiamento das promessas de campanha, agravadas pela falta de experiência administrativa do novo mandatário. O eixo produtivo é extrativo e atrativo para investidores — nacionais e estrangeiros — com a promessa de segurança jurídica e critério técnico (Diário de Occidente, 2026). Ainda assim, enfrenta um risco claro: uma agenda sem sustentação legislativa sólida. Por outro lado, a segurança é o coração do projeto político e o ponto em que a Colômbia se alinha ao reordenamento hemisférico. De la Espriella enterra a “Paz Total”, privilegia a ofensiva estatal e a recuperação do controle territorial, promete dez megaprisões — nos moldes de Bukele —, uma Primeira Linha de Segurança com reservistas e veteranos, um bloco de busca contra a extorsão e a erradicação de 330.000 hectares de coca por fumigação aérea, extinção de domínio, substituição e extradição. Além disso, nesse tema específico, a cooperação com Washington é aprofundada. Marco Rubio felicitou o presidente eleito assim que o resultado foi conhecido e ofereceu trabalhar “de perto” em segurança regional, migração e vínculos econômicos; Milei e Noboa celebraram imediatamente. À luz da doutrina

Donroe, o dado é claro: o critério ideológico de admissão que rege o tabuleiro regional é desta vez satisfeito nas urnas, sem necessidade de pressão ou intervenção. (CAMBIO, 2026).

Essa mesma agenda abre a frente dos direitos e do Estado de direito. O modelo prisional inspirado em El Salvador carrega questionamentos internacionais sobre condições de detenção e garantias; o retorno da fumigação aérea e a aposta no fracking despertam alertas ambientais; e as insinuações de revisar a permanência na OEA e na ONU apontam para um recuo dos marcos multilaterais de controle. A promessa de não perseguir opositores convive com um início de governo por decreto e uma retórica de mão dura que, trasladada ao conflito armado, tensiona o respeito ao Direito Internacional Humanitário (SEMANA, 2026). Ressalta-se que a segurança jurídica oferecida ao capital não equivale, por si só, à segurança jurídica para a cidadania. São dimensões distintas, e o novo governo terá de demonstrar se consegue sustentar ambas simultaneamente.

O limite real poderia ser exibido pelo Congresso eleito em 8 de março, que deixou o Pacto Histórico — novamente na oposição — como a primeira força, com 62 cadeiras entre Câmara e Senado; o Centro Democrático, aliado natural do novo governo, ficou em segundo lugar, com cerca de 45 cadeiras, e os partidos tradicionais — Liberal, Conservador e La U — voltam a ser os fiéis da balança. Assim, De la Espriella governará com um Legislativo dividido, no qual o maior bloco lhe é abertamente hostil, e dependerá de coalizões para aprovar as reformas tributárias e de

edução do Estado que, até o momento, ainda não estão garantidas, mas que provavelmente conseguirá dada a configuração legislativa, deixando menos contrapesos em outros ramos do poder público. Daí a aposta nos noventa decretos, com os quais poderá definir o rumo a partir do Executivo enquanto negocia uma maioria consistente. O Congresso se instala em 20 de julho, e Cepeda, como segundo colocado na disputa, ocupará uma cadeira no Senado sob o Estatuto da Oposição (El Colombiano, 2026).

Nessa linha, o petrismo não desaparece, mas se transforma e conta com um apoio popular sem precedentes. Petro alternou o questionamento da pré-contagem — “não se pode proclamar presidente nenhum” — com um chamado à tranquilidade e ao acatamento das decisões judiciais, uma ambivalência que mantém viva a narrativa de fraude sem cruzar completamente a linha institucional. Cepeda reconheceu o caráter não vinculante do resultado e intensificou a disputa com a impugnação de mesas. Agora, haverá dois movimentos-chave: uma chefia da oposição em disputa entre Petro — tentado por um papel de liderança regional da esquerda — e um Cepeda que chega ao Senado com capital próprio. O segundo, a possível reativação da assembleia constituinte que o governo havia adiado para não prejudicar a campanha; uma bandeira que, se for retomada, virá acompanhada de mobilização social. A rua já deu sinais na mesma noite eleitoral, com bloqueios, queima de pneus e ataques a postos de polícia e ao transporte público em Bogotá e Cali, enquanto a Registraduría, os gremios e as missões de observação internacional pediam calma e remetiam as dúvidas aos mecanismos legais. O risco de governabilidade, portanto, não é apenas legislativo, mas, sobretudo, de legitimidade, com um Executivo entrante cuja eleição não representa quase metade dos colombianos



REFERENCIAS

Al Jazeera. (2026, 4 junio). Israel, Lebanon agree to conditional ceasefire. Al Jazeera.
<https://www.aljazeera.com/news/2026/6/4/israel-and-lebanon-agree-to-conditional-ceasefire>

Acento. (2026, 22 junio). De la Espriella celebra, pero Cepeda pide esperar el escrutinio: ¿qué viene tras el apretado balotaje en Colombia? Acento.
<https://acento.com.do/france24/de-la-espriella-celebra-pero-cepeda-pide-esperar-el-escrutinio-que-viene-tras-el-apretado-balotaje-en-colombia-9703628.html>

Beltrán, J. (2026, 22 junio). Resultado de las Elecciones en Colombia 2026: De la Espriella gana a Iván Cepeda en la segunda vuelta por la Presidencia. Primicias.
<https://www.primicias.ec/internacional/elecciones-colombia-segunda-vuelta-votaciones-resultados-ivan-cepeda-abelardo-espriella-125869/>

Bitácora Económica. (2026, 5 mayo). Plan de seguridad en el Arco Minero requiere un “reordenamiento territorial profundo”, apunta experto.
<https://bitacoraeconomica.com/plan-de-seguridad-en-el-arco-minero-requiere-un-reordenamiento-territorial-profundo/>

Blanquicet, J. A. (2026, 10 junio). La operación militar en zona minera de Venezuela que genera tensión por la influencia del Eln, la ‘Segunda Marquetalia’ y bandas criminales. El Tiempo.
<https://www.eltiempo.com/justicia/conflicto-y-narcotrafico/la-operacion-militar-en-zona-minera-de-venezuela-que-genera-tension-por-la-influencia-del-eln-la-segunda-marquetalia-y-bandas-criminales-3563308>

CAMBIO. (2026). Radiografía al programa de Abelardo de la Espriella: mano dura, motosierra fiscal y promesas difíciles de financiar. CAMBIO COLOMBIA.
<https://cambio colombia.com/analisis-programa-gobierno-abelardo-espriella-propuestas-viabilidad-elecciones>

Caribe Peninsular. (2026). Abatimiento de «El Mencho»: Implicaciones para el CJNG y la seguridad nacional.
<https://caribepeninsular.mx/abatimiento-de-el-mencho-implicaciones-para-el-cjng-y-la-seguridad-nacional/>

CFR. (2026, 15 junio). Trump's Iran Deal: What We Know, What's Contested, and What Remains Unresolved. Council On Foreign Relations.
<https://www.cfr.org/articles/is-a-u-s-iran-deal-within-reach-six-key-issues-that-could-shape-a-ceasefire>

Descifrado. (2026, 13 junio). Trump anuncia que el Comando Sur ejecutó ataque letal contra “Niño Guerrero” en Venezuela -. Descifrado.
<https://www.descifrado.com/2026/06/12/trump-anuncia-que-el-comando-sur-ejecuto-ataque-letal-contr-nino-querrero-en-venezuela/>

Diario Libre. (2026, 2 marzo). Ecuador anuncia el inicio de operaciones conjuntas antidrogas junto a EE. UU. - Diario Libre. Diario Libre.
<https://www.diariolibre.com/mundo/america-latina/2026/03/02/operaciones-conjuntas-contr-narcotrafico-en-ecuador-con-estados-unido/3455056>

Diario Occidente. (2026, 22 junio). La seguridad y la reducción del tamaño del Estado, nuevo gobierno.
<https://occidente.co/colombia/la-seguridad-la-reduccion-del-tamano-del-estado-gobierno-de-la-espriella/>

El Colombiano. (2026, 9 marzo). Elecciones al Senado: Pacto Histórico y Centro Democrático lideran y se disputan las mayorías | El Colombiano. El Colombiano.
<https://www.elcolombiano.com/colombia/conformacion-resultados-senado-2026-asi-quedo-conformado-KC34369399>

El Mostrador. (2026, 1 junio). Periodista que destapó Hondurasgate:

“Hoy el conflicto ya no es solamente ideológico”. El Mostrador.
<https://www.elmostrador.cl/unidad-de-investigacion/2026/06/01/periodista-que-destapo-hondurasgate-hoy-el-conflicto-ya-no-es-es-solamente-ideologico/>

El Universo. (2026, 14 junio). Así es la lujosa casa de alias Humbertico que fue saqueada en Venezuela tras operación militar. EL UNIVERSO.
<https://www.eluniverso.com/noticias/internacional/asi-es-la-lujosa-casa-de-alias-humbertico-que-fue-saqueada-en-venezuela-tras-operacion-militar-nota/>

Infobae. (2026, 15 junio). Venezuela dijo que el operativo que mató al “Niño Guerrero” golpeó la estructura de las principales bandas criminales. Infobae.
<https://www.infobae.com/america/america-latina/2026/06/15/venezuela-dijo-que-el-operativo-que-mato-al-nino-querrero-golpeo-la-estructura-de-las-principales-bandas-criminales/>

NBC News. (2026, 15 junio). Trump says U.S.-Iran deal ‘complete’ after months of negotiations [Vídeo]. NBC News.
<https://www.nbcnews.com/news/us-news/deal-reached-united-states-iran-war-rcna350039>

NPR. (2026, 15 junio). U.S. and Iran announce an initial deal to end the war and reopen the Strait of Hormuz. NPR.
<https://www.npr.org/2026/06/15/nx-s1-5858590/us-iran-deal-updates>

PBS News. (2026). Israelis angry over U.S.-Iran peace deal lash out at Netanyahu.
<https://www.pbs.org/newshour/world/israelis-argry-over-u-s-iran-peace-deal-lash-out-at-netanyahu>

The Hill. (2026). Initial deal to end US-Iran war moves toward formal signing despite lingering questions.
<https://thehill.com/homenews/ap/ap-international/ap-defense-minister-says-israel-wont-withdraw-from-land-seized-in-lebanon-syria-and-gaza/>

Panorama Ecuador. (2026, 18 marzo). Ecuador entra en el mapa estratégico de las operaciones militares de Estados Unidos, según el Departamento de Guerra. Panorama Ecuador Noticias.
<https://panoramaecuador.com/ecuador-entra-en-el-mapa-estrategico-eeuu/>

SEMANA. (2026a, junio 21). Las propuestas de Abelardo de la Espriella en 13 puntos clave. Semana - Últimas Noticias de Colombia y el Mundo.
<https://www.semana.com/politica/articulo/las-propuestas-de-abelardo-de-la-espriella-en-13-puntos-clave/202654/>

SEMANA. (2026b, junio 22). Gustavo Petro e Iván Cepeda: después del 7 de agosto: ¿quién será el jefe de la oposición? Semana - Últimas Noticias de Colombia y el Mundo.
<https://www.semana.com/confidenciales/articulo/gustavo-petro-e-ivan-cepeda-despues-del-7-de-agosto-quien-sera-el-jefe-de-la-oposicion/202610/>

The New York Times. (2026). Guatemala acuerda ataques conjuntos con EE. UU. contra el narcotráfico. The New York Times En Español.
<https://www.nytimes.com/es/2026/05/28/espanol/america-latina/guatemala-ataques-narco-estados-unidos.html>

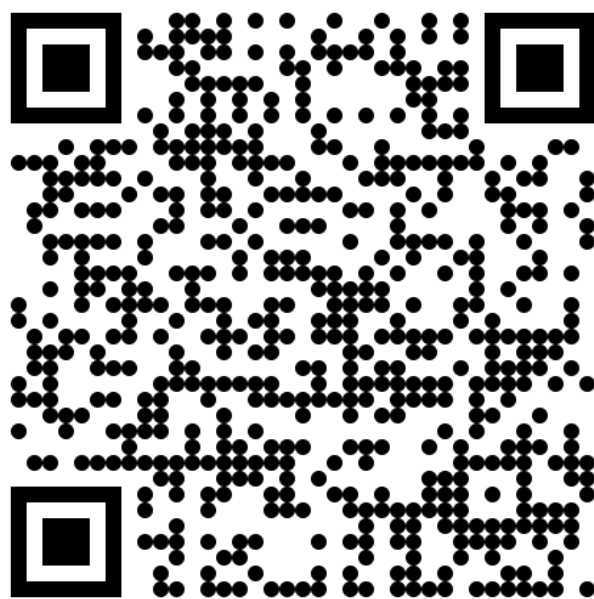
Vanguardia. (2026, 13 junio). La caída de ‘Niño Guerrero’, líder del Tren de Aragua: una vida de fugas, sangre y lujos exorbitantes. www.vanguardia.com.
<https://www.vanguardia.com/mundo/2026/06/12/la-caida-de-nino-querrero-lider-del-tren-de-aragua-una-vida-de-fugas-sangre-y-lujos-exorbitantes/>

Vásquez, C. F. (2026, 22 junio). EN VIDEO: Así fueron los disturbios en el país tras las elecciones | Q’HUBO Medellín. Q’HUBO Medellín.
<https://qhubomedellin.com/actualidad/local/orden-publico/disturbios-elecciones-presidenciales-colombia-2026-KI38030280>

Observação: a pesquisa e a análise contidas neste relatório são exclusivas da 3+ Security Colombia. Portanto, recomenda-se não divulgar o documento em questão. A 3+Security Colombia Ltda., reserva-se o direito à interpretação que possa surgir por parte do leitor no exercício de revisão e visualização da informação apresentada.



**SECURITY
COLOMBIA**



**ESCANEIE E ACESSE OS
EDITORIAIS COMPLETOS.**

Se deseja conhecer mais sobre nossos editoriais,
análises geopolíticas e relatórios de risco, escaneie o
código QR.

A segurança de que o mundo precisa